

IMAGENS DA MODERNIDADE: ESTUDO DE FOTOGRAFIAS DE UM EDIFÍCIO ESCOLAR NA DÉCADA DE 1960¹

Modernity's images: study of photography of a scholar building in the 60's

Fábio Luiz da Silva²
Fabiane Taís Muzardo³

RESUMO

O presente artigo analisará as características arquitetônicas do Colégio Vicente Rijo, localizado na cidade de Londrina, estado do Paraná, e o estilo modernista que predominou durante a segunda metade do século XX, na arquitetura escolar brasileira. Destacaremos a valorização dos ambientes escolares por meio de imagens fotográficas. As fotografias analisadas fazem parte do acervo do Museu Padre Carlos Weiss – Londrina/PR.

Palavras chaves: Colégio Vicente Rijo; Arquitetura; Modernismo; Fotografia.

ABSTRACT

The present article will analyse the architectonic characteristics of the Vicente Rijo High School, located in the city of Londrina, Paraná, and the modernist style the predominated during the second half of the XX century, in the Brazilian scholar architecture. We will highlight the increase in value of the scholar ambient by the photographic pictures. The analysed pictures are part of the Padre Carlos Weiss Museum's collection.

Key words: Vicente Rijo High School; Architecture; Modernism; Photography.

Este texto teve origem na pesquisa que tem por finalidade realizar o levantamento da arquitetura dos edifícios escolares em Londrina de maneira a estabelecer seus vínculos com a história da educação e com as práticas cotidianas de ensino. Entendemos que as transformações na maneira como a sociedade vê a escola possam ser compreendidas por meio do estudo da arquitetura escolar. No passado, por exemplo, os edifícios escolares eram como monumentos que se destacavam, indicando a importância simbólica da escola e da classe social à qual ela se destinava (WOLFF, 2010). Hoje, porém, as escolas já não se destacam do ponto de vista arquitetônico e, muitas vezes, o que se vê é apenas o muro e não mais o edifício imponente, que era completamente visível pela comunidade e, portanto, reconhecido como uma escola (ALMEIDA; ROCHA, 2009).

A partir desta observação a respeito da arquitetura escolar, consideramos que é necessário que se faça uma “história dos prédios escolares, história dos usos do prédio,

¹ Este artigo é resultado das atividades do Projeto de Pesquisa intitulado “Arquitetura escolar e suas relações com as práticas de ensino”, apoiado pela Funadesp.

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, em São Paulo. Professor do Programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias e do Programa de História Contemporânea, ambos na Universidade Norte do Paraná. E-mail: fabio.luiz1@unopar.br

³ Mestre em História pela Universidade Estadual de Londrina. Professora de História Moderna na Universidade Norte do Paraná. E-mail: fabiane2@unopar.br

forçados/inspirados pelas inovações pedagógicas, por propostas de segurança, pelo crescimento de demandas” (WERLE, 2004, p. 22). Para tanto, os edifícios escolares podem ser entendidos como documentos e, como tal, representam aspectos do contexto social e cultural, do momento e do espaço, quando e onde, foram construídos. Assim, a arquitetura escolar, materializando a cultura escolar, é fonte e objeto de estudo, permitindo compreender as relações entre pedagogia, arquitetura e as ações políticas de determinados momentos históricos (GONÇALVES, 2012).

Mesmo reconhecendo que a “preservação de exercícios, cadernos, provas escolares, diários de classe, cartazes, quadros, dentre outros podem aumentar a compreensão das práticas escolares” (BERTONHA; MACHADO, 2008, p. 8), devemos lembrar que tais elementos estavam - e eram - utilizados *em algum lugar*, o edifício escolar⁴. Comentando sobre os edifícios em geral, Zevi afirma que eles “[...] são o resultado de um programa construtivo. Este se fundamenta na situação econômica do país e dos indivíduos que promovem as construções, e no sistema de vida, nas relações de classe e nos costumes que dela derivam” (2011, p. 53). O edifício escolar é, portanto, uma construção histórica dependente do olhar daquele que selecionou determinado estilo arquitetônico, determinou a disposição dos diversos espaços e escolheu seus materiais constitutivos. Como este olhar é repleto de significações que fazem parte de contexto histórico específico, a arquitetura escolar pode ser utilizada para propagar a memória social, fonte das reflexões históricas.

O estudo das mudanças na arquitetura escolar é componente de um campo maior, o da História da Educação, para o qual podemos considerar como fonte histórica pertinente qualquer peça que nos forneça informações sobre o passado histórico-educativo (MELO, 2010). Nesse sentido, é comum utilizarmos para o estudo da história da arquitetura escolar, uma série de fontes elencadas por Melo (2010): documentos escritos, sonoros, pictóricos, audiovisuais, arquitetônicos, mobiliários e de utilidade escolar. Evidentemente, para a pesquisa que originou este estudo, os documentos ditos arquitetônicos têm uma relevância muito grande. No entanto, elementos pictóricos, como fotografias, por exemplo, têm grande utilidade, em especial devido às mudanças que os espaços físicos escolares podem sofrer ao longo do tempo. Foi assim que, durante o levantamento das fontes para a realização desta pesquisa, foram localizadas diversas fotografias escolares. Este tipo de fotografia, segundo Souza (2001), foi muito comum desde o início do século passado, sendo que os temas mais comuns destas fotos eram: os professores, salas de aula, atividades escolares, retratos de classe e arquitetura escolar. O estudo de tais fotografias, no entanto, exigiu as reflexões necessárias para o estudo deste tipo de documento histórico.

⁴ A preocupação e os primeiros registros documentais sobre o ambiente escolar remetem ao início do século passado, quando, segundo Châtelet, Henry Baudin, esboçou uma história da educação, na qual ele destacou desde a arquitetura das escolas, até a ventilação das salas e a iluminação. “O caráter higiênico que domina os edifícios escolares modernos balizou sua investigação sobre o passado. Este seu olhar de ator é de tal forma dominante que acaba por instrumentalizar a história” (CHÂTELET, 2006, p. 7-8).

Fotografia e escola

Sabemos que, na metade do século XIX, quando a fotografia surgiu, a ciência e a arte traçavam percursos distintos. Enquanto aquela enaltecia o rigor metodológico e técnico, esta se abria para a subjetividade e livre criação, uma vez que havia sido liberada do trabalho de imitar a natureza e as demais coisas existentes. Neste contexto, surgiu a fotografia, que ora se assemelhava à ciência, ora à arte. Esta condição fundamental da fotografia engendrava um problema, portanto. Francesca Alinovi enuncia com propriedade esta questão quando afirma que este estaria relacionado “com a dupla natureza de arte mecânica: a de ser um instrumento preciso e infalível como uma ciência e ao mesmo tempo, inexata e falsa como a arte” (apud FABRIS, 1998, p. 173). Assim, segundo Annateresa Fabris, a fotografia representava, paralelamente, uma cópia da realidade - fato que é posto em dúvida atualmente - e uma criação artística: a razão e a emoção. Encarnaria, portanto, “a forma híbrida de uma ‘arte exata’ e, ao mesmo tempo, de uma ‘ciência artística’” (FABRIS, 1998, p. 173).

Poderíamos imaginar que uma máquina impossibilitaria interferência intelectual sobre a representação por ela produzida, não devido, necessariamente, ao fato da inexistência da interferência manual do operador, do fotógrafo, mas por estar muito mais voltada para o mecânico do que para o intelecto. Esta ausência de interferência intelectual em uma fotografia pode ser refutada ao analisarmos a forma como ela é produzida. Baxandall (2006), por exemplo, ao abordar a análise de quadros, em sua obra *Padrões de Intenção. A explicação histórica dos quadros* afirma que a explicação histórica dos quadros nos traz concepções sobre as possíveis intenções de um autor, seja ele um pintor ou o responsável pela construção de uma ponte; ao realizar uma produção, artística ou não. Baxandall (2006) comenta que qualquer produtor, ao desenvolver sua obra, se vê cercado por encargos, a missão que teria recebido, e diretrizes, que corresponderiam aos problemas em resposta aos quais a obra foi produzida. Semelhante ao que nos orienta Kossoy, para quem “A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético –, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto [...]” (2001, p. 42) são fatores que influenciam o resultado final da fotografia.

Considerando que as imagens constituem-se em importantes evidências históricas, pois que registram atos de testemunho ocular (BURKE, 2004), ao procurarmos identificar os elementos arquitetônicos presentes em fotografias escolares, devemos ter em mente que estamos diante de um documento que nos revela mais do que as intenções do arquiteto. Simultaneamente, os encargos e diretrizes do fotógrafo tornam-se perceptíveis ao visualizarmos a representação fotográfica da escola. Sabendo dessa possibilidade podemos pensar sobre o momento em que a vida escolar e os próprios prédios escolares tornaram-se temas do olhar fotográfico. Segundo Souza, as fotografias “[...] escolares constituem um gênero de fotografias muito difundido a partir do início do século XX, combinado com outros gêneros como os retratos de família, as fotografias de paisagens urbanas, de arquiteturas e os cartões-postais” (2001, p. 79).

Bencostta (2011) considera que tais registros vinculam-se de maneira inegável à memória dos indivíduos, mas também à memória da própria instituição, uma vez que

as fotografias escolares são representações do modo de ser e de se pensar a escola. Em outras palavras, elas nos fornecem informações valiosas sobre a cultura escolar. A primeira destas informações pode ser obtida pela existência de tais fotografias, afinal alguém, em algum momento, acreditou que era digna de perpetuação a imagem escolar. Por isso, não é acaso o vínculo da difusão das fotografias escolares a partir dos primeiros anos do século XX. Elas acompanham o próprio aumento do número de escolas, fato impulsionado pela perspectiva de que a escola deveria ser responsável pela constituição de uma nação moderna.

Por isso, é compreensível que a valorização do ambiente escolar tenha sido característica marcante das fotografias escolares de meados da década de 1960, como as analisadas por Souza (2001), que comprovam o quanto estas eram utilizadas para espelhar a escola como um lugar digno e merecedor de ser lembrado, admirado e exibido, “seja por sua beleza estética ou por seu significado sociocultural” (SOUZA, 2001 p. 82). A análise de tais fotografias como fonte exige, no entanto, que nos desvinculemos da contemplação puramente estética que estas fotografias por vezes suscitam. Logo, é preciso que “[...] se decifre o que se esconde por trás do visível” (RIBEIRO; SOUZA, 2012, p. 205).

Quando analisamos fotografias escolares, como as do Colégio Estadual Vicente Rijo, localizado na cidade de Londrina/PR, nos deparamos com algo muito semelhante aos encargos e diretrizes de Baxandall (2006), pois a ‘missão’ do fotógrafo é perceptível, a medida em que visualizamos a valorização do ambiente escolar e a própria organização da escola. Portanto, ao realizamos a análise proposta, procuramos tornar visível o invisível, seguindo a recomendação de Abdala (2003), para quem é preciso despojar-se das deformações pelas quais as fotografias escolares podem ser percebidas.

O Colégio Vicente Rijo

O trabalho com fotografias escolares se mostra complexo por uma série de fatores. Além dos desafios próprios da interpretação documental, podemos elencar dificuldades que vão desde a falta de identificação explícita na documentação até as péssimas condições de conservação do material fotográfico. Essas dificuldades, por exemplo, são apresentadas por Souza (2001), ao buscar analisar as fotografias escolares de Campinas na primeira metade do século XX, e por Ribeiro e Souza (2012) no estudo das fotografias escolares da Escola Técnica Federal de Santa Catarina. Em nosso caso, as fotografias analisadas, mesmo as que se encontram no acervo do Museu Padre Carlos Weiss⁵, carecem de uma série de informações, como data e nome do fotógrafo.

As fotografias escolares analisadas referem-se ao Colégio Estadual Vicente Rijo, que representou a última grande construção escolar da cidade de Londrina/PR. A escola, no entanto, já funcionava em outro endereço desde 1946 - onde atualmente é o Colégio Estadual Marcelino Champagnat -, tendo sido transferida para o atual endereço apenas em 1966. As linhas modernistas do edifício devem ser compreendidas dentro da tendência nacional de construções que procuravam seguir a arquitetura internacional

⁵ Museu administrado pela Universidade Estadual de Londrina.

(GONÇALVES, 2012). A década de 60, em geral, é identificada com a multiplicação dos signos da modernidade, como a nova capital federal.

Em Londrina, por exemplo, o afã modernista chegou, em 1966, até mesmo à catedral que recebeu um novo e moderno projeto. Este foi, também, o ano do vigésimo aniversário do Colégio Estadual Vicente Rijo, que coincidiu com a transferência desta escola para o atual endereço, na esquina das ruas Juscelino Kubitschek e Higienópolis (Figura 1).

Figura 1 - Colégio Vicente Rijo.



Fonte: Acervo Museu Padre Carlos Weiss.

A inauguração estava marcada para abril de 1966. A construção deste novo edifício escolar em Londrina pode ser identificada como bastante representativa da grande importância da cidade no contexto do estado do Paraná. O crescimento populacional era impressionante, basta lembrar que em 1950, – quatro anos depois da inauguração do Colégio Estadual – Londrina possuía pouco mais de 34 mil habitantes na área urbana, mas em 1970 esse número já era superior a 160 mil; em outras palavras, em apenas 20 anos houve um incremento de aproximadamente 126 mil pessoas, apenas na área urbana do município (PREFEITURA DE LONDRINA, s/d). Não é de estranhar, portanto, que o Colégio Vicente Rijo fosse a segunda maior escola do estado do Paraná, em número de alunos.

Evidentemente que a construção seguiu os ditames da cartilha modernista. O primeiro edifício, hoje são quatro pavilhões, já era ocupado por alunos no final de março de 1966, apesar de não estar totalmente concluído – não havia luz elétrica, por exemplo. O novo diretor do colégio, professor Manoel Barros de Azevedo – que até então dirigia o Colégio de Aplicação – chegou a pedir paciência aos alunos diante dos “naturais” problemas que a mudança acarretava (FOLHA DE LONDRINA, 1966). Apesar de inacabado, o edifício era modernista não só pelo aspecto geral, mas também pelo uso do

“brise-soleil”, visível na figura 1. No início do mês seguinte, foi anunciada a construção do segundo pavilhão do Colégio Vicente Rijo. A opção por distribuir as salas de aula e outras instalações em edifícios paralelos – que aqui chamamos de pavilhões – teve longa descendência. Gonçalves, referindo-se aos edifícios escolares da década de 60 em diante, afirma: “O que mais se destaca na nova configuração arquitetônica é o formato adotado para a planta baixa e elevações que abandonam o quadro central como pressuposto arquitetônico” (GONÇALVES, 2012, p. 59).

Podemos perceber isso ao analisarmos os atuais edifícios do Colégio Newton Guimarães, inaugurado em 1976 - dez anos depois da construção do Vicente Rijo na Avenida Higienópolis - que igualmente adota os pavilhões como princípio. Apesar disso, já podemos ver nesse edifício uma tendência que constituiu o espírito arquitetônico escolar posterior: a vulgaridade do estilo. Gonçalves (2012) afirma que a arquitetura escolar acompanhou o empobrecimento geral da escola pública em nome da economia de mercado. A não ser pelos colégios polivalentes, da década de 70, e dos CAICs dos anos logo após o fim da ditadura, não houve grande empenho na elaboração das plantas arquitetônicas para as escolas públicas. Coincidência ou não, isso acompanhou a expansão da rede escolar no Brasil.

Quando foram construídas para as classes populares, os prédios sofreram uma enorme mudança qualitativa, como se a qualidade para tais crianças se resumisse no necessário e suficiente. As escolas construídas, principalmente nas periferias das grandes cidades, são barracões modulados, com blocos de concreto, telhas de cimento-amianto [...] (BUFFA, 2005, p. 111).

Uma das marcas da modernidade do edifício do Colégio Vicente Rijo é a utilização do “brise-soleil”, que é um sistema de proteção originalmente idealizado pelo arquiteto Le Corbusier, um dos mais importantes arquitetos modernistas do mundo. O “brise-soleil” é um dos vários sistemas de filtrar a luz e é especialmente utilizado em edifícios com amplos “panos de vidro” ou grandes janelas. Outra forma muito utilizada no Brasil são os cobogós, também presentes na arquitetura londrinense. O uso de artifícios para conter a luz solar tornou-se necessário devido à grande quantidade de superfícies envidraçadas, nas quais o vidro era o único material de vedação. Tal fato, no entanto, provocou desconforto térmico, em especial em países quentes como o Brasil. Em nosso país, o pioneirismo da utilização dessa técnica foi o próprio edifício do Ministério da Educação, na cidade do Rio de Janeiro (PAIVA, 2006). Em Londrina, o “brise-soleil” foi utilizado no edifício da rodoviária de Londrina (1952), que hoje abriga o Museu de Arte de Londrina, e o edifício Autolon (1951), por exemplo.

Na cidade de Londrina, norte do Paraná, a arquitetura moderna se faz presente no final da década de 40, época áurea do café, como uma apologia ao progresso, estendendo-se até perto dos anos 70. Os primeiros edifícios modernos foram projetados pelos arquitetos Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, que levaram consigo as idéias modernistas, inclusive o *brise-soleil*. Na maior parte de suas obras e projetos para a cidade há a utilização de algum tipo de dispositivo para barrar o sol. Depois

da presença desses arquitetos na região, os edifícios foram sendo construídos por engenheiros regionais, os quais, na medida do possível, tentaram seguir a linguagem recém-chegada. (ATEM; BASSO, 2005, p. 30)

A modernidade do edifício do Colégio Estadual Vicente Rijo também pode ser percebida pela predominância da horizontalidade da composição geral, mas das janelas também. Assim, a preocupação em representar as novas tendências da arquitetura escolar é plenamente visível em suas fotografias que compõem hoje o acervo do Museu Padre Carlos Weiss, localizado na cidade de Londrina. Mas, para compreendermos isso, tomemos alguns exemplos.

Análise das fotografias escolares

Ao visualizarmos a fotografia do “Departamento de Áudio Visual” (figura 2) do Colégio Vicente Rijo podemos inferir uma série de possíveis intenções do fotógrafo, o qual, infelizmente, não assinou sua produção. Burke (2004) comenta que o desconhecimento dos fotógrafos e dos fotografados é uma das dificuldades na utilização deste tipo de documento. Apesar disso, podemos perceber sem esforço uma direta valorização do ambiente escolar.

Em um ambiente simples, cuja construção nos remete a década de 1960, visualizamos uma mesa de madeira, sem nenhum adorno, servindo de base para a exposição de equipamentos que, naquele contexto, simbolizavam a modernidade. Notamos, contudo, que estes equipamentos foram literalmente posicionados para a foto, numa verdadeira montagem fotográfica, o que reforça a opinião de Souza (2000) de que muitas fotografias escolares revelam a teatralização do universo escolar. Esta montagem também é comprovável pela pessoa que se encontra atrás deles, que está bem vestida e parece ser a responsável pelo cuidado e zelo com aquilo de mais moderno e, portanto, valioso, que a escola possuía. Burke (2004) expressa preocupação com a dificuldade engendrada por esta característica da imagem, pois seus produtores - em nosso caso, o fotógrafo - podem “arrumar as salas” que pretendem retratar.

Percebemos, também, que os equipamentos se localizam em uma sala específica, ou seja, eles não estão à disposição dos alunos, os quais, inclusive nem foram retratados. Parece um universo a parte. Por isso é necessário, como nos recomenda Burke (2004), que leiamos as entrelinhas, observando os detalhes, inclusive as ausências significativas – neste caso, os alunos.

Podemos tecer uma comparação entre esse Departamento de Áudio Visual, símbolo da modernidade naquele contexto, com os atuais laboratórios de informática dos colégios, os quais, na maioria das vezes, também se encontram isolados dos alunos, sob a proteção de pessoas responsáveis por eles, também como se representassem um universo a parte.

Figura 2 – Departamento de Áudio Visual do Colégio Vicente Rijo.

Fonte: Acervo Museu Padre Carlos Weiss.

Outra foto histórica do mesmo colégio nos mostra a biblioteca (figura 3). Mas, nesse caso, diferentemente da foto anterior, temos a presença dos alunos, o que nos fornece algumas informações bastante interessantes, afinal, uma fotografia de biblioteca sem a presença dos alunos geraria a desvalorização desta. Novamente, contudo, devemos compreender a intenção da fotografia. Enquanto cinco alunos estudam totalmente concentrados, cada um posicionado em sua respectiva mesa, temos um grupo de alunos que se movimenta pela biblioteca, de forma organizada e interessada, pois se encontram na frente de uma prateleira, como se procurassem uma obra específica.

Assim como na fotografia anterior, aqui também há a figura de uma pessoa responsável pela manutenção da ordem e, talvez, pelo auxílio aos alunos. Notem a presença da mulher, posicionada próxima à janela, observando a ação dos alunos, afinal “a escola é o espaço da ordem, da obediência, do silêncio, da disciplina” (SOUZA, 2001, p. 90). Outra observação importante é que toda a fotografia se encontra esfumada, com exceção da menina que estuda em uma das mesas, e que, propositalmente, se encontra no centro da imagem.

Registrar a existência da biblioteca escolar era muito importante se considerarmos que, na década de 60, havia apenas 75 bibliotecas públicas em todo o país (VALIO, 1990). Em se tratando de bibliotecas escolares, a situação não era muito diferente. Silva (2011) informa que, apesar da valorização deste espaço no discurso das reformas educacional dos anos 30, foi somente na década de 50 que o processo de instalação destas bibliotecas ganha impulso; mesmo assim, isto ocorreu de forma irregular. Logo, possuir uma biblioteca na escola era algo para se orgulhar e guardar para a História.

Figura 3 – Biblioteca do Colégio Vicente Rijo

Fonte: Acervo Museu Padre Carlos Weiss.

Considerações Finais

Michel de Certeau (1982) ressalta a importância de se trabalhar com o não-dito, com o silêncio das obras, algo que é de possível percepção nas imagens fotográficas, já que estas podem ser emolduradas de acordo com a vontade existente, ignorando certos aspectos e ressaltando outros, conforme visualizamos nos casos anteriores. O posicionamento dos alunos, a presença deste “adulto responsável”, a organização dos espaços escolares, dentre outros aspectos, marcariam esse “silêncio fotográfico”.

Levando em consideração a real possibilidade de manipulação, valorização e/ou desvalorização de um ambiente, concordamos com Roland Barthes (1984), quando ele afirma que um texto escrito não é somente o que se tem em mãos, algo físico, uma simples montagem de palavras, e sim uma construção que depende do autor, do leitor e do meio, formando uma espécie de tripé, pois podemos relacionar esta teoria com a análise fotográfica, uma vez que ela também depende da visão do autor, que vai produzi-la; do leitor, que vai olhá-la e interpretá-la a sua maneira; e do meio, visto que este influencia tanto no momento de sua constituição quanto nas futuras análises que serão feitas sobre ela. Com isso, é correto afirmar que tanto a construção da imagem quanto sua análise são interpretações do real, maneiras de se registrar e de enxergar um momento vivido, uma vez que, conforme discutido, a construção das imagens dos edifícios escolares possibilitam, atualmente, uma leitura capaz de perceber os elementos que enaltecem sua construção e importância social, marcantes no período em que foram produzidas.

Referências

- ABDALA, Raquel Duarte. **A Fotografia além da ilustração: Malta e Nicolas construindo imagens da reforma educacional no Distrito Federal (1927 – 1930)**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo – USP. São Paulo.
- ALMEIDA, Cleide; ROCHA, Luis Octavio. Em Busca de uma aproximação entre Arquitetura e Educação. In: **Notandum Libro**, n. 13, 2009. Disponível em: < http://www.hottopos.com/notand_lib_13/cleide.pdf >
- ATEM, Camila Gregório; BASSO, Admir. Apropriação e eficiência dos brise-soleil: o caso de Londrina (PR). In: **Ambiente Construído**, v. 5, n. 4, out./dez., 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/viewFile/3656/2012>>. Acesso em 26 de jan. de 2013.
- BARTHES, R. **A Câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- BENCOSTA, Marcus Levy. Memória e cultura escolar: imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. In: **História** (São Paulo) v.30, n.1, p. 397-411, jan/jun, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a19.pdf>>. Acesso em: 03 de ago. de 2013.
- BERTONHA, Vitorina Cândida Corrêa; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A Instituição escolar como fonte da história da educação: um estudo preliminar. In: **Seminário de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Educação da UEM**, 24 a 26, set., 2008.
- BUFFA, Ester. Práticas e fontes de pesquisa em história da educação. In: GATTI JR., Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas/Uberlândia: Autores Associados/Edufu, 2005.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.
- CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHÂTELET, Anne-Marie. Ensaio de historiografia I: a arquitetura das escolas no século XX. In: **História da Educação**, n. 20, p. 7-38, set., 2006. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/29255/pdf> >. Acesso em: 28 de ago. de 2013.
- FABRIS, A. (Org.). **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: USP, 1998.
- FOLHA DE LONDRINA, Quinta Feira, 24 de março de 1966, a. XX, n. 4246.
- GONÇALVES, Rita de Cássia. A Arquitetura como uma dimensão material das culturas escolares. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX)**. Florianópolis: Insular, 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MELO, José Joaquim Pereira. Fontes e métodos: sua importância na descoberta das heranças educacionais. In: COSTA, Célio Juvenal; MELO, Joaquim José Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados: Editora UFGD, 2010.

PAIVA, Ricardo Alexandre. O Ministério da Educação (1937 – 1945) no Rio de Janeiro: arquitetura, clima e cultura. In: Nutau, 2006. Disponível em: < <http://www.arquitetura.ufc.br/novo/wp-content/uploads/2011/08/O-Minist%C3%A9rio-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-1937-1945-no-Rio-de-Janeiro-Ricardo-Paiva-V-NUTAU-S%C3%A3o-Paulo-2006.pdf> >. Acesso em: 27 de jan. de 2013.

PREFEITURA DE LONDRINA. **Evolução da população residente do município de Londrina – 1940/2000**. Disponível em: http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=163&Itemid=66. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

RIBEIRO, Ivanir; SOUZA, Luani de Liz. Corpos escolares, leitura de imagens: o uniforme escolar na Escola Técnica Federal de Santa Catarina – 1964 a 1985. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. **Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX)**. Florianópolis: Insular, 2012.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. In: **Revista ABC**, v. 16, n. 2 p. 489-517, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/797>>. Acesso em: 02 de set. de 2013.

SOUZA, Rosa Fátima. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. In: **Educar**, Curitiba, n.18, p. 75-101, 2001. Disponível em: <http://www.educaremrevista.ufpr.br/numero_18.htm#rosa_fatima>. Acesso em: 08 de set. de 2013

SOUZA, Rosa Fátima. Um Itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar. In: CUNHA, Marcus Vinícius (org). **Ideário e imagens da educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2000.

VALIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. In: **Trans-informação**, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./abr., 1990. Disponível em: <>. Acesso em: 01 de set. de 2013.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004.

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. **Escolas para a república**. São Paulo: Edusp, 2010.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes: 2011.